

## Jogos de espelhos: a Revolução Russa no socialismo francês (1917-1920)

Sabrina Areco<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a analogia elaborada pelo historiador Albert Mathiez entre a Revolução Russa e a Revolução Francesa, expressa através da afirmação de afinidades e identidades profundas entre os revolucionários do século XVIII e os bolcheviques. Publicada nas páginas do jornal *L'Humanité*, que foi convertido em órgão de imprensa do recém criado Partido Comunista Francês, a elaboração de Mathiez manifesta uma atenção particular ao passado sem deixar de demonstrar uma certa instrumentalização da história. A recorrência à Revolução Francesa após 1917 no *L'Humanité*, elaborada por diferentes intelectuais e políticos que contribuía com o jornal, demonstra como tais aproximações e usos estavam presentes no ambiente intelectual e político, no qual o passado revolucionário assumia uma função heurística.

**Palavras-chave:** Revolução Russa. Revolução Francesa. *L'Humanité*. História do pensamento político (séc. XX). Socialismo.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciência Política (UNICAMP). Professora de Ciência Política no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), *campus* Amambai-MS.

**Abstract:** This article explores the analogy elaborated by the historian Albert Mathiez between the Russian Revolution and the French Revolution, expressed through the affirmation of deep affinities and identities between the eighteenth-century revolutionaries and the Bolsheviks. Published in the pages of the newspaper *L'Humanité*, which had been converted into a press organ of the newly created French Communist Party, Mathiez's elaboration shows a particular attention to the past while showing a certain instrumentalization of history. The recurrence of the French Revolution after 1917 in *L'Humanité*, elaborated by different intellectuals and politicians who contributed to the newspaper, shows how such approximations and uses were present in the intellectual and political context in which the revolutionary past assumed a heuristic function.

40

---

**Keywords:** Russian Revolution. French Revolution. *L'Humanité*. History of political thought (20th century). Socialism.

## Introdução

Diante dos acontecimentos na Rússia nos anos de 1917, os espectadores oscilaram entre o apoio mais enfático e a recusa veemente. Tais posições se alteravam de acordo com a posição ocupada no espectro político e também conforme os eventos se desenrolavam no enclave autocrático entre o Pacífico e o Ártico. Para aqueles que estavam fora da Rússia, as informações chegavam com certa imprecisão, o que impediu por vezes a compreensão exata dos eventos, mesmo pelos observadores mais atentos. O tempo decorrido entre os fatos e circulação das notícias era estendido também em razão das dificuldades impostas à imprensa pela I Guerra (1914-1918).

Portanto, se pensarmos na elaboração de uma história da recepção da Revolução Russa é preciso considerar tanto aspectos geográficos (como ela foi lida em diferentes contextos sócio-culturais), como temporais (isto é, em contextos históricos posteriores e distintos)<sup>2</sup>. Esses contextos sociais, culturais e históricos - que são sobretudo políticos - indicam um certo itinerário percorrido pelo tema entre seus intérpretes. Sinalizam também o conjunto de assuntos ou objetos ao qual a Revolução Russa foi associada.

No caso da França, de forma reiterada e quase que imediata, a Revolução de fevereiro foi entendida como uma filha de 1789. A chegada dos bolcheviques ao poder e a criação do Estado proletário, por sua vez, gerou controvérsias que colocaram em questão essa filiação. O século XVIII no país latino serviu ainda assim de contraponto, seja se afirmando a república democrática erigida pelos seus revolucionários contra a ditadura do proletariado, ou se reforçando os liames entre passado e presente.

O historiador Albert Mathiez contribuiu com a formulação e a difusão de uma interpretação na qual os bolcheviques e os jacobinos são unidos por fortes

---

<sup>2</sup> A ideia de “história da recepção russa” é apoiada na profícua e consolidada história da historiografia da Revolução Francesa, que discute como os objetos e as interpretações acerca do tema foram se delineando no decorrer da produção de mais de dois séculos. Uma síntese dos resultados desses estudos pode ser encontrada na obra de Hobsbawm (1996). De forma complementar, sob inspiração de R. Koselleck (1985; 2002) e sua “história conceitual do político”, procuro pensar como a Revolução russa e seu conteúdo são objeto de disputa política, dando ao tema um conjunto de sentidos que se acumulam e vão se somando de forma diacrônica e sincrônica. Uma abordagem próxima foi feita nos artigos que compõem o *dossier La Révolution comme modèle et miroir (URSS, Chine, Japon)* [A Revolução francesa como modelo e espelho (URSS, China, Japão)], que serviu de inspiração também para o título deste artigo. Ver, em especial, o artigo que apresenta a revista: DUCANGE; TCHOUDINOV, 2017, p. 3-8.

semelhanças no que diz respeito tanto aos seus métodos quanto aos conteúdos da luta política. A valorização dos partidos da revolução era fundamentada em um vasto e erudito estudo da Revolução Francesa e no apoio militante que Mathiez dispensava à Revolução de Outubro. Sua formulação é um capítulo importante de um movimento intelectual e político, que tinha espaço de elaboração e difusão no *L'Humanité*, e que ajudou a desenhar uma leitura na qual o passado tinha uma função central. Em um contexto de disputas pelos sentidos da Revolução Russa, quando seu desfecho ainda não tinha sido encontrado, o passado servia também como instrumento para a disputa do futuro.

### **L'Humanité e a Revolução francesa**

Fundado em 1904 pelo líder socialista Jean Jaurès, o periódico *L'Humanité* teve um papel central na formação de uma cultura socialista mobilizada e difundida pela imprensa. Era o periódico de maior relevância entre os socialistas, em especial no contexto da I Guerra (1914-1918). Ainda que com a tiragem limitada em função do grande número de aderentes mobilizados pela guerra - que diminuiu também o quadro de pessoas encarregadas da publicação - não suspendeu suas atividades durante o conflito. Isso, mesmo tendo que lidar com questões de ordem prática, como o aumento do preço e os riscos de esgotamento da matéria-prima necessária para a produção do papel, o que levou a uma redução do formato. Entre os problemas enfrentados, estava também a censura exercida pelo governo francês e que visava especialmente limitar a divulgação de greves e de dirigir as informações sobre o conflito bélico e a atuação do exército francês (COURBAN, 2017, p. 10-23).

No contexto do conflito, o jornal ainda enfrentou o que pode ser chamado de uma crise de direção. J. Jaurès havia sido assassinado em julho de 1914, às vésperas do começo do conflito, e depois de proferir um apaixonado discurso na Câmara dos Deputados no qual se opunha à participação da França na guerra e após ter perguntado, de forma retórica mas também profética, se não se estava caminhando para uma guerra mundial. Ele foi assassinado em razão de sua posição pacifista, em um ambiente no qual o apoio ao conflito se ampliava e assumia um discurso patriótico que permitiria uma revanche da derrota sofrida na Guerra Franco-Prussiana (ver GOUSSOT, 1994).

Diante da ausência de Jaurès, a fragmentação dos socialistas franceses ficaria mais evidente. Ele era o líder incontestado do Partido Socialista Francês desde 1902, que a partir de 1905 passou a fazer parte da SFIO (*Section française de l'Internationale ouvrière*) [Seção francesa da Internacional Operária]. Ele se opunha a Jules Guesdes e sua organização, que também compunha a mesma associação. Tal ausência foi convertida na falta de unidade e clareza nas formulações e posições expostas no periódico, como no caso do apoio dado, em 1918, ao Presidente dos EUA, W. Wilson, que apareceu como um aliado dos socialistas por suas propostas diplomáticas de dissolução dos conflitos<sup>3</sup>.

Um elemento fundamental e que era reiterado no jornal, perpassando todo o conteúdo e a contribuição das mais diferentes contribuições que ali apareceram, foi o pacifismo. A herança remetia a Jaurès. Mas tal posição irá se alterar adiante, em especial depois da Revolução Russa, da criação da III Internacional e a da concepção de “guerra revolucionária”, contraposta à “guerra imperialista”, como discutiremos posteriormente.

Além do pacifismo, o peso da história do século XVIII nas análises também poder ser entendido como uma herança de Jaurès. Ele foi autor de *Histoire Socialiste de la Révolution Française*, uma obra central de interpretação do tema e que se caracterizava pelo esforço de tratar da Revolução Francesa como produto da luta de classe, na qual a burguesia triunfou ao superar o feudalismo. Buscava inspiração em Marx, mas também em Michelet e Plutarco, aliado a uma atenção às fontes primárias. Conciliou a abordagem dos aspectos econômicos e sociais, no registro de Marx, com o relevo dado às ideias ou ao que chamou de “fatores espirituais”. Para ele: “[a] Revolução Francesa preparou indiretamente o advento do proletariado. Ela realizou duas condições essenciais do socialismo: a democracia e o capitalismo. Mas ao fim, ela foi no fundo o advento político da classe burguesa” (JAURÈS, 2010, p. 145).

Sob influência de Jaurès, pode-se falar em uma aproximação entre o marxismo (que em Jaurès tem uma leitura bastante particular) e a historiografia

---

<sup>3</sup> Ele foi apresentado como o “defensor da justiça internacional” em uma edição que celebrava sua visita ao país para participar da Conferência de Paz de Paris (1918), quando apresenta a carta de criação da Sociedade das Nações e o Tratado de Versalhes para ratificação pelo Congresso (AU DÉFENSEUR, 1917, p. 2). Essa posição foi depois abandonada e as esperanças de paz então depositadas na III Internacional. Sobre essa discussão, ver Laurent (2011). Todas as fontes primárias utilizadas neste artigo foram consultadas no portal *Gallica*, da BnF - *Bibliothèque nationale de France* e estão disponíveis para consulta em: <http://gallica.bnf.fr>.

sobre a Revolução francesa, que nos anos subsequentes foi desenvolvida na produção acadêmica sobre o tema e que reiterava sua interpretação sob a chave analítica da luta de classes e que dará atenção aos aspectos sociais e econômicos, assim como aos grupos populares daquele período.

### **“A Revolução Russa é filha da Revolução Francesa”**

Em 2 de abril de 1917, o jornal noticiava um encontro promovido pela *Ligue des droits de l’homme* [Liga dos direitos do homem] em homenagem à Revolução Russa. Segundo a narrativa, cerca de 5 mil pessoas compareceram e o discurso do líder socialista belga Émile Vandervelde quase não pode ser ouvido em função de manifestações ruidosas (com gritos e apitos), que visavam boicotar sua fala.

O historiador Alphonse Aulard, por sua vez, proferiu uma análise na qual o paralelismo foi estabelecido entre os “revolucionários russos, patriotas, e os revolucionários franceses”, sendo que o que “foi feito pelos franceses em três anos, os russos levaram três dias para concluir” (LA MANIFESTATION, 1917, p. 1-2). A revolução do passado serviu como uma herança capaz de instrumentalizar os agentes políticos do presente. Mais do que isso, foi capaz de oferecer um prognóstico do futuro. Como os franceses, os russos:

não serão impedidos nem pelos ingênuos e nem pelos traidores: eles não farão uma revolução moderada. Como os franceses em 1792, eles enfrentarão [as forças] estrangeiras. Nosso exemplo lhes inspirará as resoluções necessárias. Nós constituímos, em circunstâncias idênticas, um governo de defesa nacional forte e oferecemos todas as garantias ao povo. Os russos imitarão esse exemplo (LA MANIFESTATION, 1917, p. 1-2).

Aulard foi vice-presidente da *Ligue* e politicamente defendia a aliança de radicais com socialistas reformistas. Entendia a república como o caminho inevitável para a democracia (VOVELLE, 2004, p. 18). Historiador da Revolução Francesa, foi um nome fundamental para o início de uma nova época de estudos acadêmicos sobre o tema. Ocupou a primeira cadeira da cátedra sobre o tema criada na Universidade de Sorbonne. Fortemente amparado em documentos, a perspectiva de história política que desenvolveu seguia a trilha aberta por Jaurès e foi continuada, em certo sentido, por seu antigo aluno Albert Mathiez. Destacamos “em certo sentido” porque a ruptura entre os dois acadêmicos, exposta em artigos e debates por Mathiez, gerou uma oposição teórica e historiográfica na análise,

sobretudo de Robespierre (sobre essa disputa, ver FRIGUGLIETTI, 2008). Ambos pertenceram à perspectiva que se convencionou chamar de historiografia jacobina<sup>4</sup>, mas Mathiez assumia dentro desta tendência uma defesa - cada vez mais enfática - de Robespierre, contra a leitura crítica de Aulard. A oposição entre os historiadores era também política, já que Mathiez se ressentia de certo conservadorismo de Aulard e via em Robespierre a exasperação patriótica sem a qual a revolução não poderia ter prosseguido.

Olhando a França que lhes era contemporânea (a III República), marcada sobretudo pelo militarismo (Mathiez denominava de “despótica”), ambos afirmaram que as ambições populares e democráticas presentes no século XVIII não teriam sido alcançadas. Para Mathiez, a Revolução terminou com a queda de Robespierre no 9 *Thermidor*, e com ele “mataram, por um século, a República democrática” (MATHIEZ, s./d., p. 248). Para Aulard, “todo o século XIX-XX se originou na Revolução Francesa”. Esse elemento não realizado aparece portanto como um horizonte de expectativa<sup>5</sup>, um elemento a ser ainda alcançado e que agora se apresentava a eles na antiga Rússia czarista. Quais são as circunstâncias idênticas nos dois contextos que Aulard cita no artigo do *L'Humanité*? Os revolucionários expressam o interesse popular contra os inimigos internos e externos.

O enfrentamento à Rússia dispensado pelo governo francês é objeto de crítica de Aulard. Opor-se ao fim da autocracia seria desprezar o passado do país e suas lutas. A concepção do país como farol da democracia, tal como em Aulard, emerge em diferentes momentos do jornal. No registro de outra atividade política, que homenageia a Revolução Russa e a atuação de W. Wilson, o jornal reproduz o discurso de Joseph Caillaux:

<sup>4</sup> Historiografia jacobina designa o conjunto de estudos que tem como objeto os jacobinos, grupo político que obteve hegemonia na Revolução Francesa na fase da Convenção. A Convenção foi um regime político existente no país entre 1792-1795, quando esse órgão exerceu o poder legislativo e fundou a I República (1792-1804). Essa historiografia assumia também um certo perfil de defesa dos valores daquele grupo republicano. Quanto à forma de abordagem, aproximou-se de uma interpretação na qual os elementos sociais e econômicos são reputados centrais para a explicação da história. Acabou assumindo em seu decurso certos elementos marxistas, ainda que esses elementos tenham se apresentado de maneira diversa entre os historiadores da corrente. Mathiez, em particular, nunca se definiu como marxista e o citou apenas uma vez, em sua síntese do tema da Revolução publicada em três tomos - *História da Revolução francesa* (MATHIEZ, s./d.).

<sup>5</sup> Essa concepção de “horizonte de expectativa” aberta pela Revolução Francesa foi delineada por Rosanvallon (1992), tratando especialmente da instauração do sufrágio universal na I República em 1793. Ele argumenta que essa instauração instituiu uma forma de pensar a representatividade que agitou os sujeitos políticos durante o longo período no qual o sufrágio foi suprimido. A leitura de Rosanvallon é interessante para pensar a questão da representatividade naquele contexto, mas divergimos de abordagem que ele construiu dos jacobinos.

No momento do crepúsculo das autocracias e das feudalidades encravadas na Europa central, a França tem o direito e o dever de tomar e preservar a consciência de sua força moral. É a França das ideias do século XVIII e da Revolução que serve de guia aos espíritos que dirigem os povos [...] (LE SALUT, 1917, p. 2)

A França ensinou ao mundo suas lições, que se molda agora à Rússia levando adiante a tarefa de “banir o inimigo do território, devolver ao país nossas fronteiras e libertar os povos oprimidos pelo despotismo real ou feudal” (LE SALUT, 1917, p. 2)

A revolução de fevereiro na Rússia foi lida por uma parte dos intelectuais como um evento que concretizaria os caminhos abertos pela França em 1789. O acontecimento colocaria o antigo Império czarista ao lado das democracias republicanas (como o EUA e a França), assinalando o caminho inabalável *vis-a-vis* o fim dos regimes autocráticos.

## Mathiez e as Revoluções

A presente grande guerra não mudou apenas a face do mundo no qual nós vivemos. Ela também modificou nosso conhecimento sobre o passado e particularmente o passado que é mais se assemelha à terrível tragédia que se desenrola diante dos nossos olhos, a era de imensa convulsão da Revolução (MATHIEZ, *apud* FRIGUGLIETTI, 1972, p. 57)<sup>6</sup>.

46

Durante a guerra, Mathiez contribuiu ativamente com a imprensa escrevendo por vezes artigos sob pseudônimo para se proteger da censura. Analisava a situação interna da França e os conflitos internacionais de maneira bastante cuidadosa (FRIGUGLIETTI, 1972; GAUTHIER, 2008). Entendia que aqueles eventos ajudariam a compreender também o passado, na medida em que fosse possível realizar o confronto entre duas situações bastante similares, mas que encontraram respostas bastante distintas. Emerge aqui sua oposição à França governada por Raymond Poincaré (1913-1920): enquanto o *Comité de Salut Public* [Comitê de Saúde Pública] do ano II recuava enfaticamente e de forma explícita à guerra de conquista de territórios (aceitava apenas a guerra defensiva) e defendendo os direitos dos povos à sua soberania, a França contemporânea em

<sup>6</sup> Artigo intitulado *Le renouvellement de l'histoire de la Révolution*, publicado em *L'école et la vie* em 15 de setembro de 1917.



guerra “desprezava o princípio da soberania popular, tanto no interior quanto no exterior” (GAUTHIER, 2008, p. 6).

A defesa enfática da Revolução do século XX tem, portanto, como ponto de partida, a defesa da soberania do povo russo. Foi celebrado o fim do czarismo na Rússia (março/1917) argumentando que no Oriente se encenava uma outra vez a Revolução Francesa, agora mais rápida e decisiva, já que os russos haviam aprendido com a história francesa. Mathiez e a *Société des Études Robespierriéristes* (fundada por ele em 1908) enviaram um telegrama com congratulações ao Duma, expressando o desejo que a Revolução encontrasse seus Robespierres e Saint-Justs para guiá-los, evitando o duplo erro de fraqueza ou excesso.

Sobre o tipo de revolução em curso, ele identificou a Revolução de fevereiro como uma revolução agrária. Daí emergiria, para ele, a força dos bolcheviques. Enquanto Kerenski não foi capaz de atender às demandas deste estrato social, os bolcheviques o fizeram através da realização da reforma agrária (GAUTHIER, 2008, p. 6).

A elaboração das identidades entre os bolcheviques e os jacobinos, e de Lênin com Robespierre começa a ser desenhada. Naqueles anos ele aprofundava a oposição entre Danton e Robespierre. Para ele, durante o período do Terror (1793-1794)<sup>7</sup>, a corrupção parlamentar do grupo de Danton visava (de forma deliberada), enfraquecer a república submetendo-a aos interesses estrangeiros. “Robespierre, O Incorruptível”, defensor da Revolução e da república democrática, poderia ser visto como um socialista. Em *Études robspierriéristes* ele tratou do tema. A obra foi resenhada por Gustave Rouanet e a resenha publicada no *L'Humanité* em março de 1918 (LE LIVRE, 1918, p. 2). Em outubro de 1919, Robespierre foi tratado como “grande patriota e grande socialista”, colocado ao lado de Jaurès, ambos solidários também à democracia (LE LIBÉRALISME, 1919, p. 02).

Seu olhar sobre a “convulsão” era atento: no verão de 1917 ele manifestava otimismo com a Revolução Russa, mas as derrotas militares e divisões internas minaram parcialmente sua confiança. A esperança foi reavivada com os bolcheviques, vistos como os novos jacobinos a derrubar o governo dos girondinos (mencheviques). Ele alertava então aos riscos internos da revolução e ao mesmo

<sup>7</sup> Período no qual o poder estava concentrado no Comitê de saúde pública, dirigido pelos *Montagnards* em oposição aos girondinos. Nessa fase se promulgou a Constituição do ano I, que não foi jamais aplicada. Com os acirramentos das disputas entre os grupos políticos, foi iniciada uma sequência de punições e os adversários foram guilhotinados, condenados como traidores da Revolução. Em geral, se define o fim do Terror com a morte de Robespierre.

tempo aconselhava os aliados a não intervir em uma guerra civil (FRIGUGLIETTI, 1972, p. 584-585).

Quando Lênin assinou o tratado com a Alemanha (Tratado de Bret-Litovsky), Mathiez deixou de tratar da Revolução Russa até 1920, quando se tornou um admirador de Lênin (encarnação de Robespierre), defendendo-o em artigos escritos naquele ano, e se juntando ao recém fundado Partido Comunista Francês, onde ficou até 1922 (FRIGUGLIETTI, 1972, p. 584-585).

Por sua vez, a posição de Mathiez emitida em 1920 sobre a guerra da Rússia contra os alemães e sua crítica ao Tratado de Bret-Litovsky tinha como substrato as analogias com os conflitos de 1793-1794. Ele recorreu assim à ideia de guerra defensiva, situação limite (catastrófica) que justificaria a ditadura do partido. Em certa medida, a posição de Mathiez acompanhou assim a reavaliação acerca da guerra entre os socialistas franceses e os recém criados partidos comunistas. Naquele contexto, ao mesmo tempo que rejeitava a guerra imperialista, ampliando o pacifismo herdeiro da II Internacional, valorizou a guerra revolucionária de emancipação e de defesa da revolução socialista. A presença do pacifismo em parte dos socialistas franceses, como entre os sindicalistas que aderiram à SFIO, impediu uma aproximação imediata destes com o bolchevismo. Tal pacifismo era fortemente orientado por uma leitura da *Belle Époque* que contrapunha civilização e barbárie, inserindo assim a guerra como contraponto à civilização. A posição destes socialistas foi se alterando gradualmente, segundo Vigreux não em 1914, mas depois de 1917, quando o pacifismo não oferecia nenhuma alternativa diante de um momento de brutalização e nascimento da cultura de guerra (VIGREUX, 2003, p. 16; ARECO, 2015, p. 50).

## Bolcheviques e jacobinos

Em 1920, Mathiez publicou pela *Librairie du Parti socialiste et de l'Humanité* [Biblioteca do Partido socialista e do L'Humanité] uma brochura que teve importante circulação intitulada *Bolchévisme et jacobinisme* [Bolchevismo e jacobinismo]<sup>8</sup>. O historiador francês não deixava dúvida acerca dos objetivos de seu *pamphlet*:

<sup>8</sup> No mesmo ano Mathiez publicou *Lénine et Robespierre*, em 12 de junho de 1920, no *Floréal: l'hebdomadaire illustré du monde du travail* [Floréal: cotidiano ilustrado do mundo do trabalho]. O próprio título do periódico é sugestivo: Floreal era o oitavo mês do calendário criado pelos revolucionários franceses do século XVIII.

Eu gostaria de mostrar, através de uma breve análise, que entre os métodos dos Bolcheviques e aqueles dos Montanhesees franceses, as analogias não são apenas aparentes mas que existem entre um e outro relações estreitas assim como um parentesco lógico (MATHIEZ, 1920, p. 3)

Entre a França e a Rússia revolucionárias Mathiez identificava uma série de semelhanças, enfatizando que ambas enfrentaram problemáticas bastante semelhantes utilizando os mesmos recursos. Em seus termos:

Jacobinismo e bolchevismo são igualmente duas ditaduras, nascidas da guerra civil e da guerra estrangeira, duas ditaduras de classe, operam pelos mesmos meios, o terror, a requisição ou as taxas, e se propõem, em uma última análise um propósito semelhante, a transformação da sociedade, e não somente da sociedade russa ou da sociedade francesa, mas da sociedade universal. (MATHIEZ, 1920, p. 3-4)

Ele segue então apontando as similitudes. Tanto em uma como em outra se manifestava o tema da construção de uma base estatal de nova ordem. E, mais particularmente, como conseguir a adesão do campesinato? Lenin, assim como Robespierre, não podia ser confundido com Hebert. Ambos evitaram a “moderação, mas também a exasperação”. Foram hábeis em conjugar e ceder, quando necessário, aos interesses da classe antagônica, com a adequação da tática e método à fase de desenvolvimento dada em cada situação. Ao fazer isso, lograram dirigir os grupos aliados, mas em um processo de consolidação mais longo e, concomitantemente, mais sólido. Essa teria sido exatamente a tática do jacobino diante dos pequenos proprietários e comerciantes. E, nas duas situações, a população rural aderiu em razão dos ganhos materiais que os grupos revolucionários lhes concederam (MATHIEZ, 1920, p. 11).

Então Mathiez indica que os bolcheviques e os jacobinos são ambos realistas, que ele define como a capacidade de adequação à realidade dos fatos, à circunstância dada, e seria esse realismo que permitiu que eles pudessem dirigir a classe que pretendiam assimilar. Isto é, o realismo levou-os a aplicar uma política moderada e de concessões e a utilizar o mecanismo da ditadura: nas duas situações eram os objetivos que justificam os instrumentos utilizados, esses adequados à lógica das circunstâncias.

Ambos representam interesses que não são deles, mas dos estratos populares. São elites (intelectuais e sociais) e se apoiam nos estratos inferiores. A

política jacobina era contraditória ao interesse do antigo regime, mas também da grande burguesia financeira e industrial. E a revolução do século XX aprofundaria a anterior e “os bolcheviques simplesmente aperfeiçoaram os métodos jacobinos”. (MATHIEZ, 1920, p. 11)

Ao se ampararem nos estratos sociais subordinados teriam também uma identidade no que diz respeito aos objetivos. Apesar dos jacobinos serem apontados como defensores dos direitos individuais, em diferentes ocasiões esses direitos foram subordinados ao interesse coletivo. E lá, assim como entre os russos, o grupo minoritário portador desses interesses eram como que conduzidos pelos eventos e pelas forças sociais que representavam. Foram os clubes jacobinos que ditaram, por exemplo, a lei do máximo e depois contribuíram no enfrentamento da resistência a ela no primeiro ano. Da mesma forma, não foram os revolucionários russos que criaram os *soviets*. O argumento utilizado aqui por Mathiez é recorrente em seus textos como resposta àqueles que criticavam o terror identificando nesse período da história uma ausência de sentido histórico, um despropósito abstrato criado por indivíduos que se julgavam iluminados. O argumento é então expandido para se tratar da Revolução Russa: ela era historicamente coerente com o desenvolvimento da sociedade russa e os líderes orientados e animados por objetivos que eram os mesmo da massa que guiavam (ARECO, 2016, p. 124).

Ambas se apoiaram na cidade e o meio urbano: “sua origem e sua força” (MATHIEZ, 1920, p. 5) e tiveram que lidar com os riscos internos ao partido - parlamentarismo no presente e o domínio dos funcionários na França. Apesar dos riscos intrínsecos, ele argumentará que os grandes adversários teriam origem no exterior do grupo revolucionário e aponta a possibilidade de um outro 9 *Termidor* ou novo 18 *Brumário* (MATHIEZ, 1920, p. 21-22).

Outra similitude: à primeira vista, o nacionalismo francês seria a antítese do internacionalismo bolchevique. Nada mais equivocado, argumenta Mathiez. A ideia de direitos dos homens e a luta pelas ideias da revolução fora da França não poderia ser aproximada do internacionalismo dos russos?

As aproximações entre as duas revoluções são feitas tanto em nome da forma (estratégias de luta) como do conteúdo. Essa forte aproximação, que indica certo descuido com as diferenças dos dois grupos políticos, manifesta um evidente uso da história em um contexto em que o passado era fortemente mobilizado nas batalhas políticas do presente. Foi um tipo de discurso fortemente utilizado nos

debates políticos da época, seja fora da Rússia e mesmo entre os bolcheviques (como fez Lenin) (KONDRATIEVA, 1989, p. 112).

Mais do que uma justificativa, as referências ao passado também contribuíram para se compreender os eventos em curso. A construção de analogias ajudava a iluminar o desencadeamento dos eventos, as reações que podiam ocorrer, os caminhos a trilhar, etc. A Revolução Francesa parecia dotada de uma função heurística, explicativa. Entre os historiadores, Kondratieva mostrou a retomada de estudos sobre a França do século XVIII naquele contexto em que uma nova revolução se afirmava, agora no Oriente.

### Considerações finais

Mathiez assumiu uma posição um pouco particular no que se pode chamar de socialismo francês no período da I Guerra, já que para alguns - como Vovelle, 2004 - ele pode antes ser situado como um republicano radical, herdeiro daquele espírito dos jacobinos de 1793. Mas, em certa medida, ele expressa um contexto no qual as posições políticas eram ainda bastante orientadas pela trajetória passada, na qual 1789, 1848 e 1871 exerciam ainda a função de orientar os projetos e as ações dos sujeitos políticos. Não por acaso, a história emerge fortemente nos debates daquele contexto e assumia uma função heurística. Com a Revolução de 1917 (de fevereiro e de outubro), o terreno das posições políticas começa a ser aplainado, criando novas opções de posições políticas - como o comunismo vinculado à III Internacional - e, por consequência, um novo arranjo entre essas posições.

Todo esse movimento intelectual e político se manifestou no periódico *L'Humanité*, que apresentava em suas páginas, de forma recorrente, um uso do passado. Isso era feito com a oposição à política militar de Poincaré e à própria participação do país na guerra, colocando de forma justaposta uma recusa à guerra imperialista com a celebração do passado não-intervencionista da I República. Toda a ideia do país como nação guia da democracia republicana emergia, em especial nos textos de 1917. Mathiez seguia também essa forma de abordar o tema e os problemas do presente.

Mais tarde, o pacifismo deixava de ser um guia orientador. No contexto no qual a cultura bélica se afirmava, o discurso nacionalista ganhava corpo e a Rússia

era atacada (o acordo com a Alemanha foi celebrado em 1920), aquela posição passava a ser problematizada. Não que a guerra de intervenção fosse objeto de apoio, mas começava a se elaborar a noção de guerra revolucionária. Como aparece nos textos de Mathiez essa formulação estava vinculada às concepções muito particulares, de forma que eram as circunstâncias que exigiam tais soluções.

Dessa maneira, pode-se dizer que o socialismo francês ganhou configurações diversas depois de 1917, ao mesmo tempo que uma leitura sobre a Revolução Russa era elaborada entre os intelectuais e políticos do país que era, até então, considerado a vanguarda das lutas emancipatórias na Europa.

## Fontes

AU défenseur de la justice internationale. *L'Humanité*, Paris, 14 de dezembro de 1918, p. 2.

LA manifestation de la Ligue des droits de l'homme en honneur de la Révolution russe. *L'Humanité*, Paris, 02 de abril de 1917, p. 1-2.

LE salut à la Révolution russe et l'hommage aux États-Unis. *L'Humanité*, Paris, 17 de abril de 1917, p. 2.

LE libéralisme du haut enseignement. *L'Humanité*, Paris, 08 de agosto de 1919, p. 2.

LES livres: "Études robespierristes". *L'Humanité*, Paris, 27 de março de 1917, p. 2.

MATHIEZ, Albert. *Bolchévisme et jacobinisme*. Paris: Librairie du Parti socialiste et de l'Humanité, 1920.

MATHIEZ, Albert. *História da revolução francesa*. São Paulo: Atena, [19-]. 3v.

## Referências

ARECO, Sabrina. Antonio Gramsci e Albert Mathiez: jacobinos e jacobinismo nos anos de guerra. *Outubro*, 24, p. 37-60, 2015.

ARECO, Sabrina. *Passado e presente: a Revolução Francesa no pensamento de A. Gramsci*. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

COURBAN, Alexandre. *L'Humanité* dans la mêlée (1914-1918), *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, 92, 2003. Disponível em: <<http://chrhc.revues.org/1401>>. Consultado em: 05 de novembro de 2017.

DI BIAGIO, Anna. Hegemonia leninista, hegemonia gramsciana. In: AGGIO, Alberto. HENRIQUES, Luiz Sérgio. VACCA, Giuseppe (Orgs.). *Gramsci no seu tempo*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

DUCANGE Jean-Numa. TCHOUDINOV, Alexandre. La Révolution comme modèle et miroir (URSS, Chine, Japon), *Annales historiques de la Révolution française*, 2017/1 (n° 387), p. 3-8. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-Annales-historiques-de-la-revolution-francaise-2017-1-page-3.htm>>. Acesso em: 07 de setembro de 2017.

FRIGUGLIETTI, James. La querelle Mathiez-Aulard et les origines de la Société des études robespierristes. *Annales historiques de la Révolution française*, 353. Armand Colin, Société des études robespierristes, 2008.

FRIGUGLIETTI, James. Albert Mathiez, an Historian at War. *French Historical Studies*. v. 7, n. 4, pp. 570-586, 1972.

FRIGUGLIETTI, James. *Albert Mathiez, historien révolutionnaire (1874-1932)*. Paris: Société des études robespierristes, 1974.

GOUSSOT, Alain. Jaurès et les intellectuels italiens. In: REBÉRIOUX, Madeleine. *Jaurès et les intellectuels*. Paris: Editions de l'Atelier, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marsehesa: dois séculos reveem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JAURÈS, Jean. DUCANGE, Jean-Numa (org.). *Le socialisme et la Révolution française*. Paris: Demopolis, 2010.

KONDRATIEVA, Tamara. *Bolcheviks et Jacobins*. Paris: Payot, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. *Futures past: on the semantics of historical time*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.

KOSELLECK, Reinhart. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002.

LAURENT, Dominique A.t. Woodrow Wilson, *L'Humanité* et la SFIO, décembre 1918-juin 1919, *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, 114, 2011. Disponível em: < <http://chrhc.revues.org/2266>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

ROSANVALLON, Pierre. *Le sacre du citoyen: histoire du suffrage universel en France*. Paris: Gallimard, 1992.

VIGREUX, Jean. Les paysans communistes. In: *Le siècle des communistes*. DREYFUS, Michel. GROppo, Bruno. INGERFLOM, Claudio Sergio *et al* (Orgs). Paris: Editions de l'Atelier, 2000.

VOVELLE, Michel. *Combates pela Revolução Francesa*. Bauru: EDUSC, 2004.